

Os missionários estavam desorientados pelo facto de a religião ser virtualmente "cristã" em todos os aspectos excepto num: eles não veneravam Jesus, nem nunca ouviram falar dele. O "Tomé" que eles veneravam era Tammuz, o herói da história do "Jesus" de há milhares de anos antes do Cristianismo. Sinais da existência do culto de Tammuz/Tomé têm sido encontrados na Índia onde, aparentemente era, de acordo com Acharya, considerado uma reencarnação de Buddha! O vilão da história de Jesus é Judas, que representa Escorpião, o "caluniador", a época do ano em que o Sol está a enfraquecer e parece que está a morrer. Foi retratado com cabelos ruivo – a cor do pôr-do-sol – tal como a personagem egípcia, Set, que tentou matar Hórus. Judas, supostamente, traiu Jesus por trinta moedas de prata. Isto representa os 30 dias do ciclo lunar e era a mesma quantia paga, nos templos judeus, por cada vítima sacrificial oferecida à Grande Deusa.<sup>32</sup>

### S. Paulo

Ora cá vamos nós, outra vez. O único registo da existência de S. Paulo ou "Saúl de Tarsus" encontra-se nos textos do Novo Testamento. Acontece o mesmo com Jesus, com todos os que o rodeiam e com as personagens principais das histórias do Antigo Testamento. O historiador romano Séneca, era irmão do pro-cônsul de Acaia quando, supostamente, "Paulo" lá falou. Mas, apesar de Séneca ter escrito bastante mais sobre assuntos mundanos, nem sequer há registo de um gracejo sobre a cruzada pública de Paulo. De quem é que eu estou aqui a falar? Enquanto jovem, viveu em Tarsus, na Ásia Menor; foi para Éfeso, onde falou para vastas multidões e realizou milagres, e viajou para Atenas e Corinto; daqui, foi para Roma onde foi acusado de traição; deslocou-se a Espanha e África e regressou à Sicília e Itália. Foi convocado para ir a Roma, onde foi atirado para a prisão, de onde mais tarde fugiu. Lembra bastante a história do Nazareno, "S. Paulo", mas estes acontecimentos tiveram origem na vida da personagem grega Apolónio de Tiana (chamado "O Nazareno", em alguns registos). Era também conhecido como "Apollus" e... "Paulus", em latim.<sup>33</sup> Muito antes das histórias sobre "Paulo", os historiador judeu Josefo escreveu acerca da terrível viagem marítima que empreendeu com destino a Roma. A sua história reaparece com grande precisão no Novo Testamento, afirmando ser um registo do que aconteceu a "Paulo".<sup>34</sup> A história de Paulo (e não é mais do que uma história) partilha também muitas semelhanças com os mitos do herói grego Orfeu, o qual, tal como "Paulo", teve um missionário chamado Timóteo.<sup>35</sup> O escritor H. G. Wells afirmou que muitas das frases usadas por Paulo para se referir a Jesus eram as mesmas usadas pelos seguidores de Mithra. A Liturgia de Mithra é a Liturgia de Jesus. Quando se diz que Paulo afirmou: "Eles beberam da pedra espiritual e essa pedra era o Cristo!", está a usar exactamente as mesmas palavras encontradas nas escrituras de Mithra. O autor de um artigo existente na Internet chamado "The Other Jesus", aborda este tema:

“Que os nomes dos companheiros próximos de Paulo parecem corresponder às grandes personagens associadas aos mistérios de Deméter, em geral, e aos de Orfeu, em particular, é outro daqueles assuntos que incomodam as pessoas, menos os que deveriam... Examinemos os paralelismos: Orfeu, como resultado do filho de Deus pré-cristão... ter-lhe ‘aparecido’... organizou uma campanha muito bem sucedida para difundir a sua versão dos mistérios de Samotrácia [sede da Tribo das Amazonas da Atlântida, seguidoras do culto da serpente], no território grego. Paulo montou uma campanha muito bem sucedida para difundir a sua versão do culto cristão de Jesus, para além da Palestina e em direcção a Oeste, para o território grego, porque, de acordo com o que nos dizem, Jesus, o filho cristão de Deus, lhe “apareceu”.<sup>36</sup>

Este é um excelente exemplo para o tema que vou desenvolver a seguir. Os iniciados ao sacerdócio adoptaram as histórias simbólicas das suas escolas de Mistérios e apresentaram-nas como factos históricos para criarem religiões-prisão para as pessoas. Os rituais, ritos e temas do culto de Orfeu eram os mesmos que os posteriores temas cristãos. Há muito mais para contar sobre esta história e recomendo *The Christ Conspiracy*, *Bible Myths* e outros livros referidos na bibliografia, para mais detalhes e fontes. A Bíblia tem controlado as mentes e vidas de biliões de pessoas e mantém presa, desde há milhares de anos, grande parte do mundo numa escravidão mental e emocional. Os cristãos riem-se da ideia das linhagens reptilianas e, no entanto, acreditam que o seu Deus enviaria o seu único filho e fá-lo-ia sofrer uma tortura cruel e uma morte horrível para perdoar os pecados de todas as outras pessoas. Ao mesmo tempo, dizem-nos que este é um deus de amor. É uma contradição, claro que é. Mas, os autores sabiam-no. Não desejavam transmitir a verdade. A ideia era fabricar religiões rígidas, as quais atemorizariam as pessoas, levando-as a obedecer e a acreditar. A verdade é que se não acredita nessas “verdades” acabará os seus dias no Inferno. No entanto, para evitar o problema de todos serem simpáticos uns com os outros (a última coisa que os Anunnaki querem) realçam que não irá para o “Céu” através de boas obras, mas apenas se acreditar em Jesus como seu salvador. Durante a sua vida poderia causar mortes e sofrimento indizíveis e, ainda assim, garantir o seu lugar no Céu, desde que tenha acreditado em Jesus. Jesus foi também o único que nasceu sem pecado original e não tínhamos hipótese de ser “perfeitos” como ele. Você nasceu maculado, conspurcado e indigno mesmo antes de ter respirado pela primeira vez, portanto, mantenha-se no seu lugar. O sacerdócio estacionou o seu traseiro entre “Deus” e as pessoas e eles mesmos se tornaram mensageiros entre ambos. O que o sacerdócio disse para as pessoas fazerem foi, na verdade, o que alegadamente “Deus” lhes transmitiu. É por este motivo que o Papa é chamado o Vigário de Cristo, o representante da divindade na Terra.

Eu descrevo com algum detalhe, no livro *The Biggest Secret*, como a história dos Evangelhos foi escrita e como foram criadas a religião cristã e a Bíblia, por isso não a vou descrever toda aqui, excepto alguns pontos específicos, importantes para o conhecimento dos novos leitores. Existem duas teorias principais para

explicar como a narrativa original do Evangelho ("Gods-spell")<sup>(N.T.)</sup> veio a ser compilada. Uma é a teoria de Piso. Esta foi detalhada por Abelard Reuchlin no livro *The True Authorship Of The New Testament*, impresso pela primeira vez em 1979, nos Estados Unidos da América. Existe também um website chamado Piso Homepage, que foca a história e as linhagens Illuminati.<sup>37</sup> Reuchlin fala sobre um círculo interno ou um anel interno, o clube mais exclusivo da história, conhecedor do "Grande Segredo". Segundo ele, neste círculo encontram-se líderes religiosos, políticos e literários, os quais sabiam a verdade acerca de Jesus, mas não queriam que mais ninguém a soubesse. Ele escreve:

"O Novo Testamento, a igreja e o Cristianismo, foram todos criação da família Calpurnius Piso, aristocratas romanos. O Novo Testamento e todas as suas personagens – Jesus, todos os Josés, todas as Marias, todos os discípulos, apóstolos, Paulo, João Baptista – são ficcionais. Os Piso criaram a história e todas as personagens; ligaram a história a um tempo e lugar específicos da História; e associaram-na a algumas pessoas reais secundárias, tais como Herodes, Gamaliel, os procuradores romanos, etc. Mas Jesus e todos os outros à sua volta foram todos personagens criadas (isto é fictício)."<sup>38</sup>

Os Piso eram de uma linhagem relacionada ao Rei Herodes retratado na história do Evangelho. Como aristocratas romanos de linhagem, deveriam ter sido iniciados de religiões de Mistério e utilizaram as histórias simbólicas para fabricar "Jesus" e a sua vida. Os Piso afirmaram descender dos fundadores de Roma, Remo e Rômulo, os gémeos "amentados pela loba". Reuchlin detalha os códigos que ele diz terem sido usados nas histórias dos Evangelhos, pelos Piso e pelo seu cúmplice, o autor e estadista romano, Plínio O Novo. O chefe da família, Lucius Calpurnius, que era casado com a bisneta de Herodes, era muito próximo do famoso escritor romano, Séneca. Reuchlin afirma que foram ambos mortos pelo Imperador Nero no ano 65 d.C.. Sugere que as histórias míticas sobre as mortes de S. Pedro e S. Paulo a mando de Nero, foram inspiradas nestes eventos. Reuchlin diz que Lucius Calpurnius escreveu o seu "Ur Marcus", a primeira versão do Evangelho de S. Marcos, por volta de 60 d.C. e as versões seguintes quando os Piso se tornaram próximos da classe governante romana. Após a morte do seu pai, Arius Piso, que usava muitos nomes, incluindo Cestius Gallus, tornou-se governador da Síria e assumiu o comando do exército romano na Judeia. Esteve envolvido na revolta da Judeia, em 66 d.C., à qual Vespasiano foi enviado para a terminar. Dois anos mais tarde, Nero foi assassinado por um agente de Piso, de acordo com Reuchlin, e com o apoio vital do Clã Piso Vespasiano tornou-se Imperador de Roma. Foi Vespasiano que ordenou o saque a Jerusalém e roubou os "tesouros" do templo, incluindo a Arca da Aliança, seja lá o que isso é. Vespasiano, como Imperador Romano, era um testa de ferro dos Illuminati.

---

(N.T.) Evangelho, em inglês, "Gospell" sendo a sua desconstrução "Gods-spell" e, em tradução literal, pode significar "palavra dos deuses" ou "feitiço dos deuses"

De acordo com o livro de Reuchlin, Arius Calpurnius Piso escreveu três dos Evangelhos na seguinte sequência: o Evangelho de S. Mateus (70-75 d.C.); a versão actualizada do Evangelho de S. Marcos (75-80); e, com a ajuda de Plínio O Novo, a versão actualizada do Evangelho de S. Lucas (85-90) e seguiu-se o Evangelho de S. João, obra de Justus, filho de Arius, em 105 d.C.. Seguramente, Reuchlin está certo ao afirmar que "Jesus" era uma figura composta e as histórias incluem elementos dos contos que falam sobre José, no Egito, bem como de outras personagens do Antigo Testamento e, adicionalmente, alguns escritos essênios hebreus-egípcios, as características de vários deuses pagãos e de Balder do culto da serpente. Diz ainda que Piso fez alterações e acréscimos a alguns textos do Antigo Testamento e escreveu a maior parte dos 14 livros do Antigo Testamento, conhecidos como os Apócrifos. Reuchlin sustenta que Arius Piso era o nome verdadeiro do historiador "hebreu" conhecido como Josefo. Isto, certamente, explicaria porque é que um "hebreu" como Josefo afirmou ter combatido os romanos, viveu em Roma durante 30 anos, enquanto escreveu os livros sobre a história judaica e casou dentro da aristocracia romana. Reuchlin diz que "S. Paulo" foi fabricado do mesmo modo que Jesus e é curioso que a perigosa viagem marítima de "Paulo" tenha sido uma repetição do que Josefo diz ter acontecido consigo mesmo. Paulo foi retratado como um hebreu que se tornou cidadão romano e Josefo disse o mesmo de si próprio.

Reuchlin escreve que entre 100 e 105, Arius, o seu filho Justus e Plínio O Novo, viajaram com a sua família e amigos pela Ásia Menor, Grécia e Alexandria, no Egito, para encorajar os pobres e os escravos a juntarem-se a eles na nova fé. Afirma ainda que Plínio criou as primeiras igrejas na Bitínia e em Ponto. Visitou estes locais algumas vezes no ano 85 d.C. e afirma que o último local deu origem ao primeiro nome de Pôncio Pilatos. O procurador romano só foi chamado Pilatos no Evangelho de S. Mateus e no Evangelho de S. Marcos, os primeiros Evangelhos escritos pelos Piso, mas no Evangelho de S. Lucas, atribuído a Plínio, Pilatos adquire subitamente o nome Pôncio. O Evangelho de S. Lucas foi escrito na mesma época em que Plínio começou a visitar Ponto, de acordo com Reuchlin. As cartas de Plínio, assinadas por ele, dizem que Justus Piso esteve na Bitínia nos anos 96 e 98, usando o nome Tullius Justus, e que os Piso também estavam localizados em Éfeso, sede do grande templo dedicado à deusa Ártemis (Diana). Éfeso foi também um dos locais do nascimento da religião cristã. Visitaram todos os locais que, alegadamente, S. Paulo também visitou, e Reuchlin diz que Justus Piso e Plínio O Novo (nome militar, Máximus) introduziram nas suas cartas e histórias de "S. Paulo" muitos dos seus amigos e códigos indicando o seu envolvimento. Afirma também que quando Paulo diz "Saúdo Herodes, meu parente" está a utilizar um código que se refere à ligação da família Piso a Herodes. É uma "coincidência" extraordinária que os Piso tenham tido extensas propriedades em Provença, no Sul de França, na mesma região onde os mitos afirmam que a história de Jesus continuou após a crucificação, graças a José da Arimateia, Maria Magdalena e o "rebento" do salvador.

Outros investigadores, como Acharya no livro *The Christ Conspiracy*, sugerem

que as histórias do Evangelho é mais provável terem derivado dos escritos de um tipo chamado Marcion de Ponto. Uma vez que não acreditava na existência literal de um Jesus de carne e osso, escreveu a história de Jesus simbolicamente. Marcion era um gnóstico (uma palavra que significa “conhecimento”) e escreveu recorrendo bastante ao simbolismo e à alegoria. Os textos gnósticos, encontrados em 1945, em Nag Hammadi, no Egito, e que se referem à história de Jesus, têm sido usados como “prova” da existência deste, mas não o são. Primeiro que tudo foram escritos bastante tempo depois do “evento” e em segundo, os gnósticos eram escritores alegóricos. Moisés Maimonides, o filósofo e gnóstico hebreu, do Século XII, escreveu:

“Sempre que encontra nos nossos livros um conto, a sua realidade parece ser impossível, uma história que é repugnante tanto para a razão como para o senso comum, então, pode ter a certeza que o conto contém uma profunda alegoria velando uma profunda verdade misteriosa; e quanto mais absurdas forem as palavras, mais profunda é a sabedoria do espírito”.<sup>39</sup>

Quem quer que tenha escrito os textos originais do Evangelho, não foram de certeza os “discípulos” Mateus, Marcos, Lucas e João, tal como tanta gente crê. Nem mesmo a igreja cristã o afirma, mas ao usar aqueles nomes podem dar essa ideia e a mente humana é manipulada e guiada através de imagens e impressões à custa da verdade dos factos. É um pensamento assombroso que nem um escritor, de nenhuma das obras bíblicas, seja conhecido ou, como no caso de Paulo, não tenha sido demonstrada a existência histórica. Eu próprio estou convencido, até prova em contrário, que a família Piso esteve, pelos menos de alguma forma, envolvida na criação daquilo que se tornou na religião cristã. Certamente forneceram alguns dos primeiros Papas, após o Império Romano dos Illuminati ter fundado a Igreja Romana.

### **O Imperador nu**

O maior responsável pelo aparecimento do Cristianismo, enquanto força de controlo e repressão global, foi Constantino O Grande. Após ter trilhado um caminho de carnificina até ao poder, tornou-se Imperador Romano, no ano de 312 d.C.. Constantino, O Arquitecto do Cristianismo, era da mesma linhagem dos Piso. A lenda cristã conta que, numa das batalhas pela liderança romana, na Ponte Mílvia, perto de Roma, Constantino teve uma visão de uma cruz no céu com as palavras “Com este sinal vencerás”<sup>(N.T.)</sup>. Era mais certo ter visto um porco a voar! Na noite seguinte, segundo se diz, teve uma visão onde Jesus lhe disse para colocar a cruz na sua bandeira e assim garantir a vitória. Diz-se que Constantino se converteu ao Cristianismo na sequência das suas visões, mas a verdade é que nunca o fez excepto, talvez, no seu leito de morte, só por precaução. Constantino, espere pela melhor, era um *seguidor do culto do Sol*. A sua divindade era Sol

---

(N.T.) In hoc signo vinces, versão latina da frase grega “εὐ τοῦ τοῦ χη”

Invictus ou o "Sol Inconquistado" e foi, até à sua morte, o Máximo Pontífice da igreja pagã.

Sol era o nome de uma antiga deusa do Sol. C. F. Oldham diz, no livro *The Sun And The Serpent* (Londres, 1905) que todas as dinastias solares eram também dinastias da serpente. Ele tem uma interpretação do significado da serpente diferente da minha, porque eu penso que tem um duplo significado, mas a ligação entre ambas as interpretações pode ser sempre encontrada independentemente da interpretação que faça do símbolo da serpente. A veneração do Sol anda de mãos dadas com os rituais dos Illuminati, em honra da serpente. Constantino suportou a religião cristã porque, para ele, não era diferente do culto do Sol que seguia. Pela mesma razão, o Cristianismo começou a apanhar muitos seguidores de Mithra e muitos pagãos atacaram os cristãos por roubarem as suas religiões, tal era a semelhança entre elas. James H. Baxter, antigo Professor de História Eclesiástica na St. Andrews University, na Escócia, disse:

"Se o paganismo foi destruído, foi mais por integração do que por extermínio. Quase tudo que era pagão sobreviveu sob um nome cristão. Privados de semi-deuses e heróis, os homens fácil e meio inconscientemente conferiram esses atributos a um mártir local... fazendo dele a figura central do culto e da mitologia associada à divindade pagã. Antes do século IV ter terminado o culto do mártir já era universal... os festivais pagãos foram renomeados e o Dia de Natal, o antigo festival do Sol, transformou-se no nascimento de Jesus".

O momento decisivo na história cristã deu-se em 325 d.C., quando Constantino reuniu 318 bispos da igreja "cristã" no seu palácio em Niceia, (hoje Iznik, na Turquia), para o infame Primeiro Concílio de Niceia. Eu digo "cristãos" mas na realidade estiveram presentes representante do culto da Lua e do Sol de Apolo, Osíris e Ísis, Deméter/Ceres, Dionísio/Baco, Júpiter/Zeus e, obviamente, do Sol Invictus. Portanto, naturalmente, a data atribuída ao nascimento de Jesus foi 25 de Dezembro; a data do nascimento do Sol. Foi em Niceia que Jesus e Cristo foram unidos, pela primeira vez, do mesmo modo que os outros "ungidos" Deuses Sol. O Concílio tinha sido convocado para acabar com o conflito e a disputa entre os seguidores do "Jesus" de S. Paulo, um deus sobrenatural, e aqueles que questionavam que Jesus pudesse ser da mesma natureza que Deus. Estes últimos eram chamados Arianos, cujo nome se relacionava com o seu líder, Arius, um presbítero de Alexandria, no Egito. Entre murros e o caos total, foi "decidido", por insistência de Constantino, que todos os cristãos tinham de acreditar na existência do Jesus sobrenatural – caso contrário, teria de enfrentar as consequências. Esta crença, que ainda hoje é a base do Cristianismo, foi "definido" no, assim chamado, Credo Niceno-Constantinopolitano:

"Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra e de todas

as coisas, visíveis e invisíveis; E em um só Senhor, Jesus Cristo, o filho de Deus, gerado do Pai, unigénito, isto é, da mesma natureza do Pai, Deus dos Deuses e Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por quem todas as coisas foram feitas, tanto no céu como também na terra; o qual por nós homens e pela nossa salvação desceu dos céus, e encarnou e se fez homem, sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus e voltará para julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo”.

Foi o que disseram também sobre Nimrod e Tammuz-Ninnus, na Babilónia, e sobre sabe-se lá quantas mais divindades no mundo pré-cristão. Disseram aos delegados de Niceia como votar e aqueles que se recusaram, foram exilados em ilhas remotas. A partir daqui, o Credo Niceno-Constantinopolitano iniciou uma guerra contra a Humanidade, tendo chacinado dezenas de milhões em seu nome, e a ordem apressou-se a destruir todas as provas que pudessem expor a história fabricada e revelar a sua maquinação. As culturas nativas (bem como os seus registos da história) foram destruídos numa orgia de genocídio e inquisição, que se prolongou durante séculos e se espalhou pelo mundo. A “Santa Inquisição” da Igreja Romana só foi oficialmente desmantelada no século XIX e é, actualmente, conhecida como o “Santo Ofício”. A Grande Biblioteca de Alexandria, “Cidade do Filho da Serpente”, e outros centros que guardavam conhecimento e registos antigos de valor inestimável, foram destruídos em nome deste cruel e arrogante credo. Quando a Biblioteca em Alexandria foi destruída, em 391 d.C. por ordem do Imperador Teodósio, cerca de 700.000 rolos, códices e manuscritos perderam-se para sempre. A força por trás disto tudo sabia perfeitamente o que estava a fazer; ao vender às massas um mito que fornecia a justificação para introduzirem o seu plano de repressão do conhecimento e lhes permitia crescer a história. Por trás de Constantino, dos Papis e dos Papas, estava a Irmandade reptiliana babilónica, por essa altura, sedeadada em Roma. Os seus rituais, templos e símbolos estiveram na origem daqueles usados actualmente pela Franco-Maçonaria. Entre eles, encontram-se o chão das lojas em mosaicos quadrados pretos e brancos, as luvas e aventais brancos, sinais secretos e apertos de mão. As sociedades secretas de elite, como a Ordem dos Mestres Comacinos, cresceram rapidamente sob Constantino (ver *The Biggest Secret*).

### **As linhagens “cristãs”**

O tema das linhagens continua com a criação e expansão do Cristianismo. As figuras principais na história do Cristianismo têm sido da mesma linhagem, a linhagem reptiliana. Entre eles estavam a família Piso; Herodes O Grande; Constantino O Grande; Fernando II de Aragão e Isabel I de Castela, reis do território ao qual actualmente chamamos Espanha, que instituíram a Inquisição Espanhola e apoiaram Cristóvão Colombo; e o Rei Jaime I, o qual financiou a tradução da versão da Bíblia conhecida como Bíblia do Rei Jaime e que, de acordo com um estudo levado a cabo em 1881, contém 36.131 erros de tradução.<sup>40</sup> Todas estas pessoas pertenciam à mesma linhagem (ver *Apêndice I*),

tal como Joseph Smith e Brigham Young, os fundadores dos Mórmon, e Charles Taze Russell, um dos fundadores das Testemunhas de Jeová. Dêem-me a taxa de probabilidade para isto ter acontecido! Foram estas mesma forças que criaram a Bíblia e que decidiram o que é que esta iria conter. Juntaram os textos do Antigo Testamento a textos que eles próprios escreveram, ou seleccionaram, para formar o Novo Testamento. Traduziram-no depois em latim, inglês e em outras línguas. Até mesmo as versões originais dos textos bíblicos continuaram a ser alterados e novas frases foram acrescentadas sempre que lhes conveio. O filósofo Celso escreveu aos líderes da igreja no século III d.C.:

“As vossas fábulas, não têm a arte de as fazerem parecer verdadeiras fábulas... Alteraram três, quatro e até mais vezes, os textos dos vossos próprios Evangelhos para que não tivessem qualquer contestação”.<sup>41</sup>

Celso afirmou que os líderes da Igreja continuavam a dizer aos seus seguidores para não examinarem as evidências, mas para se limitarem a acreditar nelas – “A sabedoria é uma coisa má na vida, é preferida a ignorância”. Escreveu também: “Declararam abertamente que nenhum, a não ser os ignorantes [eram] os discípulos adequados para o Deus que veneravam” e disse também que a ordem era “não permitam que nenhum homem douto se junte a nós”.<sup>42</sup> Era, e é, uma religião para sabotar as mentes das massas e para eliminar todos aqueles que sabiam a verdade. Mas não é a única religião mítica que tem sido levada à letra. Todas as outras também o têm sido. Até mesmo o Budismo, que é suposto ser mais iluminado, teve a mesma origem e foi vendido como sendo um facto histórico. Repare no passado de Buddha. Nasceu a 25 de Dezembro da virgem Maya, acompanhado por uma estrela e por um sábio. Descendia de uma linhagem “real” e o governador quis matar a criança para evitar ser destronado. Aos 12 anos ensinava no templo, foi tentado pelo demónio Mara e foi baptizado na presença do Espírito de Deus. Realizou milagres, curou os doentes e alimentou 500 pessoas com um pequeno cesto de bolos. Morreu (em algumas tradições, na cruz) e ressuscitou no Nirvana ou Paraíso. O seu túmulo foi milagrosamente aberto e foi dito que regressaria para julgar os mortos. Buddha era a “Luz do Mundo”, o “Senhor” e “Mestre”, o “Bom Pastor” e “Carpinteiro”. O *Curriculum Vitae* do costume. Na Índia diz-se que a consorte de Buddha terá sido Ila ou Ida e este era o nome dado, na Edda britânica, a El, a deusa-serpente dos “Edenitas”.

### **As elites do grupo**

A estratégia dos Illuminati pode ser facilmente vista nas suas religiões. Primeiro, origina a crença inicial, como a crença em “Jesus”. Isto cria divisão e conflito com as outras religiões contemporâneas. Depois divide essa crença numa lista sempre crescente de sub-crenças e cria “igrejas”, ramificações da original. Deste modo, tem a divisão entre a crença e as outras crenças, e dentro da própria crença. É a situação ideal para dividir e reinar. Isto aconteceu no Cristianismo e o principal ponto de ruptura foi a obra de um testa de ferro